



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Encontros e Desencontros: Interação parental com bebês com diagnóstico de Síndrome de Down
Autor	THAÍS ESPINDOLA DE JESUS
Orientador	CESAR AUGUSTO PICCININI

Encontros e Desencontros: Interação parental com bebês com diagnóstico de Síndrome de Down.

Autora: Thaís Espíndola de Jesus
Orientador: Cesar Augusto Piccinini
Instituto de Psicologia – UFRGS

No período inicial, de dependência absoluta, o bebê está à mercê dos encontros e desencontros que vierem a acontecer com seus cuidadores, os quais são fundamentais para sua constituição psíquica. As primeiras interações são fundamentais para o bebê e desafiadoras para os pais, pois os bebês exigem deles uma adaptação às suas necessidades e ritmo próprios. Esses desafios podem se intensificar na presença de alguma síndrome no bebê, dificultando a qualidade da relação pais-bebê, pois são bebês que precisam de maior estimulação e engajamento na comunicação. Dessa forma, o objetivo do presente estudo foi investigar as interações do pai e da mãe, respectivamente, com seu bebê diagnosticado com síndrome de Down. Trata-se de um estudo de caso longitudinal, cujos participantes foram filmados em dois momentos diferentes, aos 3 meses e aos 8 meses de idade do bebê, na residência da família. Participaram do estudo 2 bebês e seus pais e mães respectivos. As duas famílias eram primíparas. Foi realizada uma análise dos vídeos da interação mãe-bebê e pai-bebê, separadamente, a partir da qual se produziu um relato clínico, que possibilita contemplar detalhes das interações não apenas verbais, mas também não-verbais. A família 1 era composta por Rafael (o bebê), Carmen (a mãe), Tadeu (o pai). A família 2 compreendia Camila (a bebê), Mariana (a mãe) e Marcos (o pai). Os resultados parciais apontam que o pai e a mãe liam as comunicações de choro do bebê em termos de necessidades corporais de sono, fome, troca de fraldas, calor e não como comunicações derivadas de uma necessidade de contato mais íntimo. Aparentavam ter medo de segurar o bebê e de olhar para esse corpo que parecia muitas vezes jogado, prestes a cair. Esse padrão de interação se manteve praticamente sem alterações do 3º ao 8º mês. Os fatores característicos da síndrome de Down podem corroborar para essa continuidade na forma de relação, como maiores riscos de desenvolvimento de outras doenças, como problemas gastrointestinais, cardiopatias e outras anomalias, além de demorarem mais para responderem às interações e com isso, os pais podem não se sentirem tão estimulados a trocarem com os filhos. Os pais impunham, assim, de forma intrusiva, uma leitura das necessidades do bebê em termos de necessidades corporais. Isso se manifestava, por exemplo, quando o deitavam para dormir, por exemplo, interrompendo uma brincadeira que o bebê estava engajado. Essas interações parentais nos ensinam sobre a dificuldade que é para os pais de bebês com síndromes, como é o caso da Síndrome de Down, de supor um sujeito naquele bebê que receberam e que não era aquele que esperavam, havendo um desencontro. Manipulavam o corpo do bebê conforme seus próprios desejos, não supondo um sujeito ali. Também nos ensinam a pensar sobre a possibilidade de auxiliar os pais a inserirem seu bebê numa rede de linguagem e de sustentar para ambos que esse bebê é passível de ser desejado.